

# SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

# 3

ALINE FERREIRA ANTUNES  
(ORGANIZADORA)

Atena  
Editora  
Ano 2020

# SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

# 3

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecária**

Janaina Ramos

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadores:** Aline Ferreira Antunes

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

S115 Saberes tradicionais e conhecimentos científicos nas ciências humanas 3 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-643-0

DOI 10.22533/at.ed.430201512

1. Epistemologia. 2. Teoria do conhecimento. 3. Ciências humanas. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 121

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

## APRESENTAÇÃO

A obra “Saberes tradicionais e conhecimentos científicos nas ciências humanas volume 3” reúne 25 artigos de autoras/es diversos sobre temas relacionados às ciências humanas, tornando-a uma obra interdisciplinar que permite às leitoras e aos leitores terem acesso à pesquisas desenvolvidas no Brasil sob os mais diversos aspectos teórico-metodológicos.

Este é o terceiro volume lançado pela Atena Editora cujo mote é apresentar de maneira clara, objetiva, concisa e atual, estudos desenvolvidos nas ciências humanas, nas áreas de ensino e pesquisa, com estudos de caso, estudos comparativos, iconográficos, estatísticas, catalogação, relatos de experiência, dentre outros.

Neste sentido, a obra está dividida em duas seções, sendo a primeira destinada a artigos de pesquisa e a segunda a artigos que trazem aspectos acerca da educação. A linha condutora da obra são os mais diversos tópicos que rodeiam as ciências humanas de pesquisadores em formação inicial e/ou continuada no âmbito da pesquisa e do ensino com artigos abordando assuntos atuais e uma vasta bibliografia.

Sendo assim os artigos, em sua mais diversa abordagem, versam sobre os temas: iconografia, cidades brasileiras e estrangeiras, patrimônio (cultural, imaterial, ambiental urbano), memória, preservação, sentimento de pertencimento, conflitos linguísticos, culinária/gastronomia, biografias, espaço museológico, plantas místicas, práticas agroalimentares, concepções de paternidade, concepções sobre o feminino, discussões acerca do conceito de colonialidade, bem como educação, formação continuada, práticas formativas, educação ambiental, ação docente, dentre outros assuntos.

Em um momento histórico de alta contestação das pesquisas científicas e da própria universidade, obras como esta são de fundamental importância e resistência para divulgar o avanço das pesquisas brasileiras e ressaltar a capacidade de diálogo entre as áreas. Desta forma a Atena Editora se mostra capacitada, articulada e se torna um espaço de divulgação e debate para que pesquisadoras e pesquisadores possam expor e divulgar suas pesquisas e considerações sob os mais diversos temas, trazendo ampla contribuição aos estudos realizados nas ciências humanas.

Aline Ferreira Antunes

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

A HISTÓRIA DE LONDRINA CONTADA POR IMAGENS: 20 ANOS DE DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

Paulo César Boni

Cássia Maria Popolin

**DOI 10.22533/at.ed.4302015121**

### **CAPÍTULO 2..... 18**

MOBILIÁRIO URBANO EM ÁREAS HISTÓRICAS: INTERRELAÇÕES INTRÍNSECAS NA PAISAGEM CULTURAL DE LISBOA E SALVADOR

Eder Donizeti da Silva

Adriana Dantas Nogueira

**DOI 10.22533/at.ed.4302015122**

### **CAPÍTULO 3..... 35**

A MEMÓRIA DOS MORADORES COMO POSSÍVEL FERRAMENTA DE PRESERVAÇÃO DE UM BEM: O CASO DO HORTO DEL REY EM OLINDA, PERNAMBUCO

Ariadne Paulo Silva

Jeremy Wells

**DOI 10.22533/at.ed.4302015123**

### **CAPÍTULO 4..... 50**

A HISTÓRIA E TEORIA DA CONSERVAÇÃO E RESTAURO MEDIANTE AÇÕES PROJETAIS SOBRE A PAISAGEM CULTURAL

Eder Donizeti da Silva

Adriana Dantas Nogueira

**DOI 10.22533/at.ed.4302015124**

### **CAPÍTULO 5..... 69**

A CONVERGÊNCIA ENTRE PAISAGEM RURAL E PAISAGEM INDUSTRIAL: O CASO DA MINERAÇÃO À CARVÃO VEGETAL DE MADEIRA EM MINAS GERAIS

Ronaldo André Rodrigues da Silva

José Manuel Lopes Cordeiro

**DOI 10.22533/at.ed.4302015125**

### **CAPÍTULO 6..... 85**

RETUMBANTE NATUREZA HUMANIZADA COMO A MEMÓRIA DA FLÂNERIE DA AMAZÔNIA EM LUIZ BRAGA

Thiago Guimarães Azevedo

**DOI 10.22533/at.ed.4302015126**

### **CAPÍTULO 7..... 94**

AS MOQUECAS BRASILEIRAS E OS *CURRYS* INDIANOS: UMA ANÁLISE DE ORIGEM

Maria Luiza Bullentini Facury

Alfredo Ricardo Abdalla

**DOI 10.22533/at.ed.4302015127**

<b>CAPÍTULO 8.....</b>	<b>102</b>
PLANTAS MÍSTICAS DA AMAZÔNIA TOCANTINA: AROMAS, RITUAIS E MEDICINA POPULAR	
Dyana Joy dos Santos Fonseca	
José Pompeu de Araújo Neto	
Jeferson Miranda Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4302015128</b>	
<b>CAPÍTULO 9.....</b>	<b>128</b>
BIOMETRIA DOS FRUTOS, SEMENTES E DESENVOLVIMENTO DE PLÂNTULAS DE PATA-DEVACA ( <i>BAUHINIA BRASILIENSIS</i> SPRENG. VOGEL) CAESALPINACEAE, FABACEAE	
Katiúscia Freire de Souza	
Marcia Noelle Monteiro de Castro	
Clarice Silva e Souza	
Rosana Gonçalves Rodrigues das Dôres	
Tatiana Vieira Braga	
Juliana Cristina dos Santos Almeida Bastos	
Vicente Wagner Dias Casali	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4302015129</b>	
<b>CAPÍTULO 10.....</b>	<b>140</b>
PRÁTICAS AGROALIMENTARES DE FAMÍLIAS AGRICULTORAS DE TAPEROÁ, BAHIA	
Sara Conceição dos Santos	
Juliede de Andrade Alves	
Luiza Guimarães Cavalcanti Spinassé	
Ianua Coeli Santos Ribeiro de Brito	
<b>DOI 10.22533/at.ed.43020151210</b>	
<b>CAPÍTULO 11.....</b>	<b>152</b>
O SAKPÓ COMO EXPERIÊNCIA DO LIMIAR NO CONTEXTO SATERÉ-MAWÉ	
Solange Pereira do Nascimento	
<b>DOI 10.22533/at.ed.43020151211</b>	
<b>CAPÍTULO 12.....</b>	<b>165</b>
AS CONCEPÇÕES DA PATERNIDADE E SUA INFLUÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PATERNA EM HOMENS-PAIS	
Flávio Lúcio Almeida Lima	
Celestino José Mendes Galvão Neto	
Ana Alayde Werba Saldanha Pichelli	
<b>DOI 10.22533/at.ed.43020151212</b>	
<b>CAPÍTULO 13.....</b>	<b>181</b>
COLONIALIDADE, MODERNIDADE E DECOLONIALIDADE: EM BUSCA DO GIRO DECOLONIAL	
Paulo Robério Ferreira Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.43020151213</b>	

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>199</b>
SOBRE O GÊNERO BIOGRÁFICO E A IMPORTÂNCIA DO INDIVÍDUO PARA A HISTORIOGRAFIA	
Rosinda da Silva Miranda	
<b>DOI 10.22533/at.ed.43020151214</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>211</b>
IDENTIDADE E PATRIMÔNIO: REALIZANDO O CIRCUITO DA TAIPA DE PILÃO EM MOGI: UM OLHAR SOBRE A CULTURA HISTÓRICA DA CIDADE	
Marcilene Romão Santos Iervolino	
Cristina Schmidt	
<b>DOI 10.22533/at.ed.43020151215</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>228</b>
CONFLITOS LINGÜÍSTICOS NO PARAGUAI. EMBATES ENTRE O JOPARÁ E AS LÍNGUAS OFICIAIS: CASTELHANO E GUARANI	
Luciano Marcos dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.43020151216</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>247</b>
A CULTURA POLONESA NAS DANÇAS DO GRUPO FOLCLÓRICO KAROLINKA NA CIDADE DE SÃO MATEUS DO SUL – PR	
Ezieli Augustinhak Kaczyk	
Denise Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.43020151217</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>266</b>
A FORMAÇÃO CONTINUADA SOB O ASPECTO DE PRÁTICAS FORMATIVAS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL	
João Gabriel Rossi de Oliveira	
Leisa Aparecida Gviasdecki de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.43020151218</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>277</b>
ENSINO DE GEOGRAFIA: A CONTRIBUIÇÃO DOS PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS PARA ALFABETIZAÇÃO GEOGRÁFICA	
Vanusa Aparecida Almeida	
Ana Paula de Carvalho Monez	
Luciana Coghi da Cruz	
Luiz Rodrigues	
Maria Margareth Mendonça	
Renata Caroline dos Santos Lopes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.43020151219</b>	

<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>284</b>
EDUCAÇÃO AMBIENTAL E AS ATIVIDADES INTEGRADAS DO NÚCLEO DE ESTUDOS E ORIENTAÇÃO AMBIENTAL - NEO AMBIENT	
Clezi Conforto Zambon	
Ana Maria Taddei Cardoso de Barros	
Sandro da Silva Pinto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.43020151220</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>291</b>
AÇÃO DOCENTE E FORMAÇÃO CONTINUADA: SENTIDOS SUBJETIVOS EXPRESSOS POR UM PROFESSOR DE MATEMÁTICA	
Sebastião Mateus Veloso Júnior	
Isabella Guedes Martinez	
Elias Batista dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.43020151221</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>304</b>
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E ENSINO DE CIÊNCIAS: UM RELATO SOBRE A UTILIZAÇÃO DE VÍDEOS PARA TRABALHAR CONCEITOS COM ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL E DO ENSINO MÉDIO	
Isabella Guedes Martinez	
Elias Batista dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.43020151222</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>311</b>
LÚDICO NO ESPAÇO DE MEMÓRIA MILITAR	
Augusto Machado Rocha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.43020151223</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>320</b>
DEU A LOUCA NO MUSEU	
Aline Ferreira Antunes	
Marina Ferreira de Souza Antunes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.43020151224</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>333</b>
MUSEU NACIONAL E COLÉGIO PEDRO II: O DIÁLOGO ENTRE CASAS IMPERIAIS DEDICADAS AO DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO	
Vera Maria Ferreira Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.43020151225</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>349</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>350</b>

## PRÁTICAS AGROALIMENTARES DE FAMÍLIAS AGRICULTORAS DE TAPEROÁ, BAHIA

Data de aceite: 01/12/2020

Data de submissão: 22/09/2020

### **Sara Conceição dos Santos**

Universidad Camilo José Cela  
Madrid - Espanha  
<https://orcid.org/0000-0003-0057-3274>

### **Juliede de Andrade Alves**

Universidade Federal da Bahia  
Salvador - Bahia  
<https://orcid.org/0000-0003-2389-3908>  
<http://lattes.cnpq.br/1273626347179042>

### **Luiza Guimarães Cavalcanti Spinassé**

Universidade Federal da Bahia  
Salvador - Bahia  
<https://orcid.org/0000-0002-2002-737X>  
<http://lattes.cnpq.br/5711776592450564>

### **Ianua Coeli Santos Ribeiro de Brito**

Centro Universitário Maurício de Nassau  
Salvador - Bahia  
<https://orcid.org/0000-0002-3013-8815>  
<http://lattes.cnpq.br/1291762562650525>

**RESUMO:** Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico que teve o objetivo de compreender as práticas agroalimentares de famílias da comunidade de Santa Rita, zona rural de Taperoá, Bahia. Para tanto, realizou-se observação participante na localidade do estudo e entrevistas narrativas com 10 agricultoras e agricultores, com idades entre 28 e 80 anos, moradores da mesma comunidade

e que utilizam suas terras para produção de alimentos para autoconsumo das suas famílias e como fonte de renda. As narrativas dos participantes evidenciaram relações dos agricultores e agricultoras entre si e com a terra. Santa Rita apresenta um cenário de práticas agroalimentares em que coexistem alimentos *in natura*, grande parte produzida nas suas terras e alimentos processados e ultraprocessados, adquiridos nos mercados. Os sistemas que envolvem o compartilhamento de alimentos entre os agricultores e as agricultoras são importantes para a comunidade, pois permitem diversidade alimentar. Ocorre entre eles e elas relações econômicas peculiares, como o “dar de meia” e a barganha, mas também existe a comercialização externa em torno do que é produzido. Neste ponto, é possível perceber dificuldades, fragilidades e resistências com relação aos canais de escoamento da produção. Compreende-se também que ações e políticas públicas que impulsionam a agricultura familiar são essenciais por possibilitarem a manutenção da policultura, da distribuição mais justa de renda e por fomentar a soberania alimentar e a segurança alimentar e nutricional.

**PALAVRAS - CHAVE:** Práticas agroalimentares. Agricultura familiar. Sociologia rural.

**ABSTRACT:** This is a qualitative research of an ethnographic nature that aimed to understand the agri-food practices of families in the community of Santa Rita, rural area of Taperoá, Bahia. To this end, participant observation was carried out in the study location and narrative characteristics with 10 farmers, aged between 28 and 80 years



old, residents of the same community and who use their land to produce food for the self-consumption of their families and as a source income. The participants' narratives showed the relationships between farmers and each other and the land. Santa Rita presents a scenario of agro-food practices in which fresh food coexists, a large part of its land and processed and ultra-processed food, acquired in the markets. Systems that involve food sharing between farmers are important to the community, as it allows for food diversity. There are health promotion practices between them and them, such as “dar de meia” and a bargain, but there is also an external commercialization around what is produced. At this point, it is possible to perceive difficulties, weaknesses and resistance in relation to the production flow channels. It is also understood that public actions and policies that drive family farming are essential because they enable the maintenance of polyculture, the fairer distribution of income and for promoting food sobriety and food and nutritional security.

**KEYWORDS:** Agri-food practices. Familiar agriculture. Rural sociology.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O tema da alimentação saudável e das práticas alimentares assume importante papel estratégico para a abordagem dos recentes desafios enfrentados pelo campo da saúde. Perspectivas atuais apresentam uma concepção de saúde que integra seres humanos e ambiente, apresentando-os como indissociáveis para se alcançar a saúde do planeta (SWINBURN *et al.*, 2019).

No contexto brasileiro, documentos relevantes para o campo da alimentação e nutrição incluíram em suas reflexões a dimensão da sustentabilidade para a promoção de dietas balanceadas e saudáveis. O Guia Alimentar para a População Brasileira, por exemplo, discute a alimentação saudável a partir de um sistema alimentar socialmente e ambientalmente sustentável e baseado em práticas de produção adequadas e sustentáveis (BRASIL, 2015).

Tal movimento, por sua vez, tem demandado crescentes debates sobre os sistemas alimentares hegemônicos, uma vez que o modelo produtivista não alcança as soluções para o complexo cenário atual, evidenciando a necessidade de mudanças estruturais à luz destas compreensões. Nesse sentido, tem-se enfatizado o papel da agricultura familiar e agroecológica na produção e provisão de alimentos saudáveis e enfrentamento do perfil da dupla carga da má nutrição (obesidade e desnutrição) e dos desafios ambientais (PAIVA, 2017; SWINBURN *et al.*, 2019).

A *Swiss Agency for Development and Cooperation* (SDC), organização que vem trabalhando com agricultores familiares de vários países, por exemplo, escreve que “a agricultura familiar tem a chave para prover uma população mundial crescente com dietas balanceadas e saudáveis e fornecer oportunidades de trabalho e renda, particularmente nas áreas rurais”. Isso por que, “ao mesmo tempo, (...) possibilitam administração sustentável dos recursos naturais do mundo para futuras gerações” (DAHINDEN; BUERLI, 2014, p.

199). Assim, novos olhares têm sido direcionados às populações rurais, reconhecendo-as como importantes para o enfrentamento dos problemas de saúde atuais.

As comunidades rurais são percebidas como locais de resistência, na qual vigoram a agricultura de subsistência, a policultura e a criação de animais em terrenos, o que possivelmente ajuda a garantir a quantidade e variedades alimentares dessas famílias (LOURENÇO, 2012). Contudo, as tecnologias, as relações econômicas e sociais, e a ampla oferta de alimentos processados e ultraprocessados atuam como modificadores de práticas agroalimentares tradicionais (FRANÇA *et al.*, 2012) de famílias que possuem o acesso ao solo e produzem alimentos para sua subsistência. Investigar suas práticas, portanto, pode contribuir para legitimação e preservação de seus saberes, e para compreender como vem se modificando ao longo do tempo.

Assim, este trabalho tem como objetivo compreender as práticas agroalimentares de famílias da zona rural da comunidade de Santa Rita, localizada no Baixo Sul da Bahia.

## **METODOLOGIA**

Realizou-se um estudo de cunho etnográfico na comunidade de Santa Rita, Taperoá, Bahia. Para melhor compreender as práticas agroalimentares foram feitas 10 entrevistas narrativas com famílias de pequenos agricultores e agricultoras que produzem para o autoconsumo e para comercialização. Utilizou-se também um roteiro de observação para registro de informações que poderiam ser úteis na compreensão das práticas agroalimentares dos agricultores e agricultoras da comunidade. As observações foram registradas em diários de campo.

As entrevistas foram gravadas e transcritas. Após esta fase realizou-se leituras flutuantes do material produzido e fichamentos para a sistematização e posterior análise e interpretação dos dados. As leituras possibilitaram a construção de categorias analíticas usadas para a compreensão das práticas agroalimentares.

Respeitando os aspectos éticos que permeiam a pesquisa empírica através da Resolução nº466/2012 (BRASIL, 2013), todos os participantes foram orientados quanto ao objetivo do presente estudo e assinaram e receberam uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O estudo respeitou o sigilo ético, preservando as identidades dos participantes, utilizando nomes fictícios para identificação. O respectivo trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos com o parecer de nº 3.093.495.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### As agricultoras, os agricultores e a comunidade da Santa Rita

A comunidade de Santa Rita localiza-se a 18km da cidade de Taperoá, Baixo Sul da Bahia. É composta por cerca de setenta famílias rurais, predominantemente descendentes de povos quilombolas e indígenas.

Santa Rita possui difícil acesso. A única estrada apresenta trechos de barro batido e cascalho, além de muitas valetas escorregadias formadas pela ação das chuvas e em decorrência da pouca entrada dos raios solares, bloqueados pela mata e plantações de piaçava ao longo do percurso. A estrada permite uma vista para o rio das Almas. Por vezes, durante o percurso, aparecem animais silvestres, como raposas. Alguns moradores utilizam como meio de transporte uma pequena balsa feita de madeira e uma corda fixa interligando os dois lados do rio, no intuito de ir de uma comunidade à outra.

As ruas que levam às residências feitas de taipa são chamadas de variantes. Cada casa tem um ponto de referência usados pelos moradores para identificá-las: “um pé de pequi”, “um pé de jaca”, “a beira da ponte”, “depois da plantação de seringa” etc.

Durante as idas e estadias na comunidade de Santa Rita, foram entrevistados 6 agricultoras e 4 agricultores, negras e negros, entre a faixa etária de 28 a 80 anos e possuíam de 3 a 8 hectares de terra (Quadro 1). Aproximadamente 1 hectare por terreno é usado para a policultura e a criação de animais.

Os alimentos cultivados para o autoconsumo ficam no entorno das residências. A parte dos terrenos usada para a produção dos alimentos que serão comercializados se localiza mais ao fundo, distante das casas. Os outros hectares dos terrenos são cobertos por mata atlântica. Além dos alimentos produzidos, as famílias de agricultores da comunidade de Santa Rita consomem plantas alimentícias não convencionais, frutas e castanha do Pará presentes na mata, bem com o peixes e pitu, capturados no rio das Almas.

Nome fictício	Idade	Hectares	Produtos cultivados
Joane	37	3	cacau, cupuaçu, aipim, mandioca, cravo, feijão, milho, quiabo, jiló, quiabo, coentrinho, coentro largo, couve, mamão, banana prata e da china, pimenta e abacaxi.
Marisangela	54	4	pimenta, limão, laranja, banana da terra, banana da prata e outras espécies de banana, biribiri, cravo, cacau, cupuaçu, cana de açúcar, aipim, mandioca, gengibre, chuchu, guaraná, urucum, mamão, quiabo, jiló, pimentão, tomate, couve, cebolinha e coentro largo.

Tainá	28	2	cacau, banana da terra, banana da prata, coentro largo, goiaba, coco, hortelã, aipim, laranja, cupuaçu, pimenta e cravo.
Adriane	40	3	cupuaçu, Mandioca, banana da terra, banana da prata, maracujá, Guaraná, pimenta do reino, couve, coentrinho, cacau, alface, cebolinha, folha de mostarda, dendê, laranja, lima e pimenta.
Maria Glória	53	8	couve, alface, tomate, pimentão, pimenta, quiabo, cebolinha, coentrinho, chuchu, folha de mostarda, abóbora, maxixe, aipim, batata, inhame, dendê, pupunha, mandioca, cupuaçu, acerola e araçá do mato.
Josefina	80	6	mandioca, aipim, cravo, cacau, quiabo, couve, folha de mostarda, banana da terra, cupuaçu, cana de açúcar, laranja, acerola, pitanga, abacaxi, urucum e capim limão.
Maciel	45	8	cacau, seringa, piaçava, cravo, guaraná, cupuaçu, maracujá, goiaba, mandioca, aipim, graviola e açaí.
Joseias	42	5	Mandioca, cacau, cravo, cana de açúcar, piaçava, maracujá, cupuaçu, guaraná, graviola, banana da terra, banana da prata, laranja, mamão, abacaxi, acerola, carambola e jaca.
Ântony	59	5	cupuaçu, mandioca, guaraná, banana da terra, banana da prata, jenipapo e chuchu.
José Everaldo	56	6	cupuaçu, mandioca, aipim, cravo, guaraná, piaçava, laranja, limão, coco, pimenta, cana de açúcar, banana da terra, banana da prata e da china, graviola e goiaba.

Quadro 1: Caracterização dos entrevistados e seus cultivos

## Devolver ao solo o que dele veio: a fertilização e o cultivo

A adubação do solo é uma estratégia usada pelos agricultores e agricultoras na produção de alimentos e ocorre de duas formas: usando o adubo orgânico, quando a produção é para consumo próprio; ou através do adubo inorgânico associado ao adubo orgânico, quando a produção está destinada à comercialização.

O adubo orgânico é preparado pelas agricultoras e pelos agricultores. Adriane descreve esse processo: *“esterco de galinha serve de adubo. Aí vai botando na terra. Lá em casa é assim, tem o adubo normal das plantas, estilo o adubo do cacau, da pimenta... Para horta é isso aí, adubo da terra mesmo, legítimo!”*. A produção feita para o autoconsumo desses agricultores tende a respeitar os processos mais naturais. Adriana conta também que o tomate que entra em sua casa, consumido por sua família, é o que vem da terra fertilizada com o adubo “legítimo”. Joane complementa: *“sabe as coisas que a gente planta*

*aqui? A gente espera a natureza se desenvolver, sem precisar de adubo químico, sem precisar [de] tanto cuidado”.*

Nem sempre é possível escoar toda a produção, mesmo com as três vertentes já destacadas anteriormente: o autoconsumo, a venda e o compartilhamento. Entretanto, o que não é consumido ou escoado é visto por eles como um ato de “devolver ao solo o que dele veio”, fechando o ciclo.

A segunda maneira de fertilizar a terra volta-se para a comercialização dos alimentos cultivados, a fim de intensificar a produção agrícola. Para tanto, utiliza-se o adubo químico misturado com o orgânico. A mistura ocorre devido às incertezas relacionadas ao uso desse composto em relação à saúde, à contaminação e ao desgaste do solo, como relata Joane: “às vezes eu misturo com químico, mas sempre orgânico com químico junto, porque eu num tenho coragem de usar só químico”.

### **A produção de alimentos e os compartilhamentos**

Apesar da área destinada à produção de alimentos para o autoconsumo ser menor do que a área usada para plantar o que será vendido, nota-se grande variedade de alimentos, adotando-se a policultura. Tais gêneros são produzidos em quantidade suficiente para alimentar as agricultoras e os agricultores. As relações de troca entre as famílias também garantem a disponibilidade e o acesso a uma diversidade de alimentos.

Entre os produtos vegetais cultivados para consumo estão: frutas, legumes, grãos, sementes, tubérculos, verduras, especiarias etc. Em relação aos alimentos de origem animal, a produção se limita à criação de galinhas.

Uma prática comum na comunidade é a produção coletiva de farinha de mandioca. Os homens são responsáveis por remover a mandioca do solo e por levá-la até a casa da farinha. As mulheres detêm a tarefa de descascar e lavar a mandioca, para que seja processada em um ralo mecanizado. A massa resultante é colocada na prensa para retirada da água e em seguida levada para secar em um forno. Esta última etapa é realizada tanto por mulheres quanto por homens. A farinha de mandioca obtida nesse processo é distribuída igualmente entre as famílias de agricultores.

No entanto, produção coletiva de polpa de frutas artesanais ocorre também com a venda da matéria-prima entre as agricultoras e os agricultores que tiveram uma safra maior e que não tem mais como estocar. As polpas de frutas são comercializadas e também utilizadas para autoconsumo. Nesse processo, os homens trabalham na colheita e no carregamento das frutas e as mulheres na higienização e no processamento.

Existe também o ato cooperativo entre os moradores que compartilham alimentos com as famílias da comunidade quando há excedentes da safra e quando o produto cultivado é exclusividade de alguma agricultora ou agricultor. Neste ato, não são atribuídos valores monetários aos produtos por eles trocados. O valor é simbólico e carrega relações de cooperação construídas entre os membros da comunidade. Assim, uma pessoa pode

pegar castanha do Pará para si e ofertar couve para o outro. Além de haver doações entre as famílias agricultoras, o que é produzido também é oferecido aos visitantes de Santa Rita, como uma forma de demonstrar a hospitalidade da comunidade. A recusa por parte do visitante pode ser considerada como uma grande ofensa ou falta de educação para com os anfitriões.

A policultura, as trocas e as relações existentes entre os agricultores e as agricultoras possibilitam que a alimentação seja diversa, de qualidade, contínua e em quantidade suficiente, elementos que compõem a segurança alimentar e nutricional, de acordo com a Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional (BRASIL, 2006).

### **As relações econômicas e os canais de distribuição dos alimentos**

As relações econômicas e de comercialização dos produtos cultivados em Santa Rita ocorrem entre as famílias agricultoras da comunidade e entre estas e o mercado externo.

A comercialização externa dá-se com a venda direta ao consumidor ou para atravessadores, pessoas que vão até as roças em busca de alimentos produzidos por agricultores familiares que não têm como transportar suas mercadorias, para vender em outro local. Muitos agricultores e agricultoras se submetem a receber o pagamento apenas após a venda ser feita pelos atravessadores a outros mercadores, como por exemplo, os comerciantes da Feira de São Joaquim, em Salvador, e do Centro de Abastecimento da Bahia (CEASA), localizado na região Metropolitana de Salvador.

A pessoa procura vender, não acha comprador, deixa na roça, se não tem um carro para apanhar [pegar] perde tudo. Esses 2 anos mesmo, todo mundo perdeu as bananas na roça, porque o carro da banana não veio. A estrada toda esburacada, chovendo igual a doido, o carro não quer subir e quando vem, a gente tem que esperar a boa vontade dele voltar para pagar depois de vender mais caro pra outro (Ântony).

Ântony revela contextos de fragilidades e de certa dependência dos agricultores em relação aos atravessadores, os quais impõem os preços a serem pagos pelos produtos. Estes problemas são acentuados pela deficiência de infraestrutura. Estradas defeituosas elevam os preços dos produtos e reduzem o lucro dos que plantam, dificultando o estabelecimento de preços justos. A Constituição Federal (BRASIL, 1988) deixa claro no art. 23, Inciso VIII que é dever da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios “fomentar a produção agropecuária e organizar o abastecimento alimentar”. A estrada é uma variável essencial para o abastecimento e, portanto, torna-se evidente a necessidade de investimentos dos poderes públicos na recuperação da via, ao considerar a estrada como parte essencial do abastecimento. Estradas em bom estado de conservação permitem que haja mais segurança com o transporte da produção da agricultura familiar e das pessoas, reduz o tempo de deslocamento e os custos com o transporte e, conseqüentemente,

melhora o valor de mercado dos produtos.

Entre os agricultores e agricultoras também acontece uma forma muito particular de fazer negócio conhecida por eles como “dá de meia” ou “fazer de meia”. O agricultor Maciel explica que a expressão é usada para definir o ato de conceder uma planta ou uma área plantada para outra pessoa fazer a colheita dos frutos, sendo metade do proprietário e a outra metade de quem colheu. Essa ação também acontece como forma de pagamento por serviços prestados. Por exemplo: o trabalhador limpa o terreno e o que tiver de fruto na área em que ele fez a limpeza, é feito “de meia”.

Outra forma comum de relação econômica entre eles é a barganha. Trata-se de uma permuta recíproca de coisas entre os seus respectivos proprietários. Acontece com a permuta de produtos agrícolas por eletrodomésticos, motosserras ou objetos que eles não têm condições financeiras de adquirir sozinhos, por exemplo. Assim como o “dar de meia”, a barganha também é uma forma de cooperação entre as famílias agricultoras, revelando os fortes vínculos estabelecidos na comunidade.

A venda “na rua” é um termo utilizado para designar a venda feita na zona urbana da cidade de Taperoá-BA. A comercialização ocorre em uma feira situada no centro da cidade, onde se pode encontrar uma variedade de alimentos produzidos por várias outras comunidades como: mel de uruçú, beijú com goiabada, queijo coalho, entre outros. Os produtos da comunidade de Santa Rita ajudam a abastecer o mercado local. Porém, não há uma valorização dos produtos e os preços praticados são baixos, o que gera indignação entre as agricultoras e os agricultores.

A venda que ocorre em Taperoá, assim como a venda para os atravessadores, implica em comercialização dos gêneros alimentícios com valores baixos. O fato de estarem em uma rede que desvaloriza o produto da agricultura familiar e as dificuldades em conseguir uma forma de escoar a produção com preços justos fazem com que, muitas vezes, os agricultores e as agricultoras se submetam a um sistema de exploração. Em alguns casos estes preferem deixar seus produtos no pé, como relata Joane:

(...) para vender por 1 real eu prefiro não vender. Antes tinha uma empresa aqui que eu era associada, a Conab (Companhia Nacional de Abastecimento), que eu passava. Era uma na agricultura de mulheres, agricultura familiar, uma associação e a gente passava o produto. O quilo de limão saía à 50 centavos, 30 centavos. Eu sabia que não valia isso, então fechei! Deixa perder! Eu perdi o plantio todo e perde [ainda]. Eu prefiro deixar perder no pé ou eu dou para o vizinho, come e o resto perde. Não vale a pena levar para cidade.

É indispensável que existam políticas que viabilizem a venda direta da agricultura familiar ao consumidor com o intuito de reduzir a atuação dos atravessadores. O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) são políticas públicas importantes no incentivo à produção e comercialização de alimentos oriundos da agricultura familiar por atuarem diretamente na compra desses produtos.

Contudo, alguns preços estabelecidos estão abaixo do esperado e, por vezes, são preços de produtos amplamente produzidos (SCHABARUM; TRICHES, 2019), o que pode gerar prejuízos aos agricultores familiares. Em decorrência disso, alguns agricultores e agricultoras têm feito oposição a entregar suas mercadorias sem que seja feito um acordo justo para ambas as partes.

### **Ampliando o poder compra: as transformações das práticas através das aquisições**

Quando há escoamento dos produtos, há renda e esta é comumente utilizada para a aquisição de eletroeletrônicos, gás e de produtos alimentícios que não são cultivados ou produzidos por elas e eles, como por exemplo: café, açúcar, sal, pão, achocolatados, caldo de carne, tempero pronto, biscoito recheado, macarrão instantâneo e embutidos. Em alguns casos, é possível inclusive que haja a compra de produtos que os mesmos produzem como ovos e galinha, mas que são substituídos por ovos e frango de granja congelado:

Galinha eu vendo também por que eu vendo minha galinha a um preço melhor: 30 reais. E vou à cidade e compro frango à 5 reais o quilo. Então eu vendo as galinhas e compro lá para melhorar um pouco na alimentação. Eu já compro ovos, que às vezes a galinha não tá botando direito e sai mais barato. Se eu vendo uma dúzia de ovos da terra por 6 reais, eu compro lá de 4 reais. Eu uso para alimentação. Aí, lá mesmo na rua, compro feijão, arroz, biscoito, nescau, pipoca. Às vezes eu trago para as crianças doce para agradar.

Alimentos de origem animal tendem a ter maior valor de mercado do que os de origem vegetal. Deste modo, na maior parte das vezes, os agricultores e as agricultoras não consomem cotidianamente os alimentos de origem animal de suas produções, ao contrário do que acontece com o alimento de origem vegetal. O mesmo foi observado por Paiva (2017) em sua pesquisa com agricultores familiares do semiárido baiano. A autora evidenciou que estes agricultores consomem carne bovina comprada no mercado ou no açougue, e que os caprinos, os ovinos e os peixes criados por eles são a principal fonte de renda e por isso os agricultores do semi-árido optam por vendê-los ao invés de consumi-los.

A escolha dos alimentos adquiridos na cidade é também associada à relação de afeto como forma de agradar os familiares e de oferecer a eles o que era de difícil acesso na sua infância. A indústria alimentícia utiliza uma pluralidade de meios para influenciar na escolha dos alimentos, como por exemplo, a estética da embalagem e a associação do produto a desenhos animados, personagens e personalidades famosas, com alusões à felicidade e ao prazer. Joane se refere a estes produtos como a “comida dos olhos”:

(...) alimentação dos olhos é quando a gente olhou, gostou, viu um pacote bonito, uma comida diferente... “vou comprar pra ver se é bom!”. Então é alimentação dos olhos, a alegria de ver. “Bonitinho, vou levar pra experimentar!”. Quando cheguei aqui, era um biscoitinho, assim enroladinho. Mas era tão bonita a caixa que eu trouxe pela curiosidade de ver o que era



que tinha, se era bom mesmo. No final era horrível! Comida dos olhos! Comi pela caixa!

O poder de compra e a curiosidade de consumir novos produtos implica na criação de desejos e no aumento do consumo de alimentos processados e ultraprocessados. Essa inclusão modifica as práticas agroalimentares dessas famílias, que consideram esses novos produtos como mais “práticos”, que supostamente atendem melhor às exigências “de uma vida moderna”.

Tem coisa que você vê na televisão e tem coisa que você vê com seu próprio olho. Pega “isso aí”, “compra isso pra mim”. Aí eu vou lá e compro. Pra você ver, vitamina eles só tomam com leite em pó, biscoito e chocolate. Banana pura? “Ah! não gosto, não!” Acostumados a ter aqui bastante banana e não gosta. Aipim, a mesma história! Aipim, só come no bolo. “Não gosto de aipim nada! Isso é comida? Gosto não!” [dá de ombros e faz uma expressão de desprezo, imitando a reação das crianças]. Eu sempre troco pela comida da cidade: um bolo, um biscoito recheado, refrigerante, guarathon ou guaratibas? Essas coisas, coisa diferente, mais prática, que aqui na zona rural não tem (Maciel)

Aliados aos recursos publicitários, os alimentos ultraprocessados podem propiciar, especialmente nos mais jovens, um sentido de pertencimento a uma cultura superior, moderna, diferenciada, ao mesmo tempo em que tende a desvalorizar e ameaçar as culturas alimentares tradicionais. Esses alimentos também apelam para o *hipersabor*, alcançado pelo uso de açúcar, sal, gordura e aditivos químicos, os quais intensificam o sabor dos produtos deixando-os extremamente atraentes (BRASIL, 2015).

É necessário considerar um importante marco que foi a promoção do acesso à energia elétrica pela comunidade Santa Rita, em 2015, através do programa do Governo Federal “Luz para Todos”. Com isso, houve a possibilidade de acesso à internet; aquisição de eletroeletrônicos, como aparelho celular e televisão; e de eletrodomésticos, como liquidificador, cafeteira, geladeira, freezer, seladora, entre outros. A partir dessas aquisições os agricultores e as agricultoras passaram a desenvolver atividades produtivas em torno da conservação dos alimentos e, conseqüentemente, ocorreram mudanças tanto nas práticas de produção de alimentos, quanto nas práticas agroalimentares. A presença dessas tecnologias fomentou a aquisição de alimentos congelados, produtos prontos para o consumo e bebidas gaseificadas. Silva e Oliveira (2018) também identificaram um consumo frequente e elevado de bebida açucarada, embutidos e biscoito recheados na alimentação de agricultores familiares. Assim, estes elementos somados a outros aspectos apresentados, culminaram para o atual cenário de práticas agroalimentares da comunidade rural de Santa Rita, na qual coexistem alimentos *in natura*, produzidos nas suas terras, e alimentos processados e ultraprocessados adquiridos nos mercados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo mostra que as práticas alimentares das famílias de agricultores de Santa Rita transpõem a produção individual. Os alimentos presentes no rio das Almas e na mata, assim como os cultivados por cada agricultora e agricultor, circulam na comunidade através das trocas, dos compartilhamentos, da barganha, do “dar de meia” ou da compra, como acontece com a polpa de fruta. Contudo, o consumo de alimentos processados e ultraprocessados, em especial pelos jovens, torna-se cada vez mais comum no cotidiano alimentar dos moradores de Santa Rita.

Por fim, destaca-se que se faz necessário a priorização de políticas públicas e de ações governamentais que intensifiquem a valorização da produção da agricultura familiar e minimizem as fragilidades do sistema agroalimentar. É importante que haja o fortalecimento da produção e o estabelecimento de canais justos de escoamento dos alimentos oriundos da agricultura familiar, priorizando inclusive a venda direta ao consumidor ou cadeias de distribuição mais curtas.

As políticas públicas que impulsionam a agricultura familiar são essenciais por possibilitarem a manutenção da policultura, das culturas alimentares, por movimentar a economia local e pela distribuição mais justa de renda, como também por fomentar a soberania alimentar e a segurança alimentar e nutricional.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. **Aprova normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.** Brasília. Diário Oficial da União, 2013.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF: Presidência da República, 1988.

BRASIL. **Lei Orgânica de Segurança Alimentar Nutricional (LOSAN).** Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006. Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional-SISAN com vistas em assegurar o direito humano à alimentação adequada e dá outras providências. Diário Oficial da União, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Guia alimentar para a população brasileira.** 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

DAHINDEN, M; BUERLI, M. Realizing the potential of family farms with farmers' organizations. In: **The Food and Agriculture Organization of the United Nations, Deep Roots.** Rome, 2014, p. 199 - 201.

FRANÇA *et al.* Mudanças dos hábitos alimentares provocados pela industrialização e o impacto sobre a saúde do brasileiro. **Anais do I Seminário Alimentação e Cultura na Bahia**, p.1-7, 2012.

LOURENÇO, A. E. P. Plantando, colhendo, vendendo, mas não comendo: práticas alimentares e de trabalho associadas à obesidade em agricultores familiares do Bonfim, Petrópolis, RJ. **Revista. Bras. Saúde ocup.** São Paulo, v.37, p.127-142, 2012.

MOREIRA, R. J. Agricultura familiar e sustentabilidade: valorização e desvalorização econômica e cultural das técnicas. **Estudos Sociedade e Agricultura**, p. 51-69, 1997.

PAIVA, J. B. de. **A agricultura familiar e a alimentação adequada e saudável**: um estudo sobre práticas agroalimentares de famílias agricultoras do semiárido da bahia, brasil. 2017. 272 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Saúde Pública, Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

SCHABARUM, J. C.; TRICHES, R. M. Aquisição de Produtos da Agricultura Familiar em Municípios Paranaenses: análise dos produtos comercializados e dos preços praticados. **Rev. Econ. Sociol. Rural**, Brasília, v. 57, n. 1, p. 49-62, Jan. 2019.

SILVA, N. de R. da; OLIVEIRA, A. G. e S. de. Práticas alimentares de agricultores familiares no município de Petrópolis-RJ. **Demetra: Alimentação, Nutrição & Saúde**, [S.L.], v. 13, n. 4, p. 925-936, 29 dez. 2018.

SWINBURN *et al.* The Global Syndemic of Obesity, Undernutrition, and Climate Change: the lancet commission report. **The Lancet**, [S.L.], v. 393, n. 10173, p. 791-846, fev. 2019. Elsevier BV.

## ÍNDICE REMISSIVO

### C

Cidades Brasileiras 9, 29, 216  
Conflitos Linguísticos 9, 12, 228  
Conservação e restauro 10, 50, 51, 52

### D

Documentação fotográfica 10, 1, 2, 5, 6, 8, 12, 16, 17

### E

Educação 9, 12, 13, 47, 56, 59, 102, 125, 146, 170, 172, 173, 174, 177, 179, 202, 210, 224, 231, 233, 241, 242, 244, 245, 251, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 281, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 302, 303, 305, 307, 310, 311, 312, 313, 316, 319, 320, 321, 322, 323, 332, 333, 335, 336, 339, 340, 342, 346, 347, 348, 349  
Educação Patrimonial 224, 311, 313, 340  
Educação Profissional 12, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 339  
Ensino de Ciências 13, 304  
Ensino de Geografia 12, 277, 278  
Ensino de História 319, 349  
Etnobotânica 102, 126

### F

Feminino 9, 152, 153, 155, 158, 160, 161, 162, 163, 164, 166, 173, 180  
Formação Continuada 9, 12, 13, 266, 267, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 291, 292, 299, 300, 301, 302

### G

Gênero Biográfico 12, 199, 201, 202, 203, 207, 208, 209

### I

Identidade 11, 12, 3, 10, 11, 17, 19, 35, 43, 46, 47, 48, 49, 51, 59, 66, 73, 155, 165, 167, 169, 170, 172, 174, 178, 188, 192, 197, 203, 211, 212, 224, 233, 236, 239, 240, 251, 262, 263, 264, 265, 273, 296, 326  
Iniciação científica 333, 339, 342, 343, 347

### L

Ludicidade 311, 314, 315, 316, 317

### M

Mobiliário Urbano 10, 18, 19, 20, 25, 27, 29, 30, 31, 32, 34

Morfologia 127, 128, 131, 133, 134, 136, 137

## **P**

Paisagem cultural 10, 18, 20, 24, 25, 29, 30, 32, 41, 50, 69, 71, 72, 73, 82, 211, 213

Paisagem industrial 10, 69, 71

Paisagem rural 10, 69

Paternidade 9, 11, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 194, 323

Patrimônio ambiental urbano 50, 57, 63, 64, 66

Patrimônio Histórico Cultural 212, 214, 225, 226

Patrimônio industrial 62, 66, 69, 260

Pertencimento 9, 2, 4, 35, 37, 44, 46, 47, 48, 49, 149, 159, 211, 213, 224, 282, 300, 302

Políticas Públicas 140, 147, 150, 178, 211, 213, 225, 275, 284, 286

Práticas agroalimentares 9, 11, 140, 142, 149, 151

Práticas Pedagógicas 269, 278, 282


## **S**

Sabedoria popular 102

# SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

# 3

ALINE FERREIRA ANTUNES  
(ORGANIZADORA)

 **Atena**  
Editora  
Ano 2020

# SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

# 3

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 